SERMAM GRATULATORIO
PELA FELICISSIMA, E DESEJADA SAUDE, que por beneficio DA

SENHORA DAS NECESSIDADES
ALCANÇOU ELREY

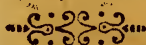
D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR

QUE OFFERECE

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
GOMES FREIRE DE ANDRADE,
Sargento mòr de Batalha, do Concelho de S. Mageſtade, e ſeu Governador, e Capitaõ General das Minas do Ouro, e Rio de Janeiro,

E RECITOU

NA IGREJA MATRIZ DA VILLA DO CARMO das meſmas Minas, Expoſto o Santiſſimo Sacramento, na mageſtoſa funçaõ, que fez o Senado daquella Villa pela eſtimada occaſiaõ de taõ plauſivel motivo,

JOSEPH DE ANDRADE E MORAES,
Clerigo Presbytero, Formado em Canones.

LISBOA:
Na Offic. dos Herdeiros de ANTONIO PEDROZO GALRAM,
M. DCC. XLIV.
Com todas as licenças neceſſarias.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

A Hum preceito politico de V. Excellencia, em que insinuava ao nobre Senado desta Villa as graças, que deviamos dar a Deos pela prodigiosa, e felicissima melhoria delRey nosso Senhor; deve esta mesma Villa a venturosa occasiaõ de desempenhar o renome de Leal, que lhe adquiriraõ a fiel submissaõ, e cega obediencia, que teve ao seu Principe Serenissimo, quando nas mais povoaçoes das Minas, com indicios, ou certezas de

rebelliaõ, parece, que se receava menos segura a Dominaçaõ da Lusa Mageſtade. Naquelle meſmo tempo, em que eſte Povo conſagrava lealdades ao Soberano, tambem tributava obſequios ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Pedro de Almeida, Conde de Aſſumar, e terceiro Predeceſſor de V. Excellencia no Governo, e Generalato deſta Capitanîa. Porèm toda eſta antiga lealdade do Carmo foy ſó hum deſenho da fineza, com que agora havia de moſtrar ao Mundo o muito, que eſtima a conſervaçaõ do ſeu Rey, e natural Senhor, para lhe render ſempre vaſſallagens do mais leal affecto. Aſſim o teſtimunha a preſente gratulatoria acçaõ, em que o Carmo, naõ ſó como as mais Villas deſta Provincia, cantou, (e melhor que todas) devidas gratificações a Deos pela deſejada, e muito eſtimavel melhorîa do noſſo Monarca Auguſto; mas como unico, e ſingular o Carmo nos cultos da Mageſtade (pois naõ ſabemos, que houveſſe ſemelhante demonſtraçaõ em outra alguma Terra deſte Continente) me fez recitar neſte diſcurſo os motivos do ſeu contentamento, e applauſo em taõ fauſto, e feliz ſucceſſo. Naõ ha periodo neſte Papel, que naõ ſeja huma voz do amor, hum ecco da felicidade, que o Carmo conſagra em todo o tempo ao noſſo Sereniſſimo Monarca. E ſendo, como ſaõ, inſeparaveis os tributos do humilde reſpeito, com que eſta Villa reconhece a Mageſtade do ſeu Principe Soberano, e os do obſequio, com que venera aos Illuſtriſſimos, e Excellentiſſimos Senhores Generaes deſte dourado Emporio do Braſil; naõ podia deixar de reſultar em honra, e abono de V. Excellencia o meſmo diſcurſo, que foy copia dos leaes corações Portuguezes na deprecada, e conſeguida ſaude do noſſo Auguſtiſſimo Rey. Entre os Generaes da antiga Milicia do Imperio Romano, e os Soberanos do meſmo Imperio, havia huma tal cõmunicaçaõ da Mageſtade Ceſarea; que ſe dava o nome Auguſto de Emperador ao General, que mandava o Exercito em chefe. Daqui veyo, que (ſegundo affirmaõ Plauto, Gel-

lio,

lio, Cicero, e outros Authores) os Generaes das Provincias sogeitas ao Romano Cesar, se chamaraõ Pretores, *cujo titulo honroso na lingua Latina parece huma pequena corrupçaõ, ou diminuiçaõ do nome* Emperadores, *pois os mesmos Generaes, ou Pretores, usavaõ de insignias, e timbres Regios, como escreve Livio no quinto Livro das suas obras. Com este Real caracter se ennobrece V. Excellencia, a quem pelo Illustrissimo da sua Pessoa, pelo esclarecido do seu Sangue, pelo antigo da sua Prosapia, pelo singular das suas virtudes, naõ se devia menor esmalte de grandeza. E supposto, que em V. Excellencia encobre huma rara, e Catholica modestia todos estes decóros exteriores; naõ se póde negar, que o animo, no qual consiste a virtude, o tem V. Excellencia revestido todo de huma interior, e innata Magestade; pois lhe deu a natureza hum coraçaõ verdadeiramente de Principe. Nem de outra fonte do amor, que naõ fosse taõ Heroica, como Regia, podiaõ nascer os sentidos affectos, as extremosas mágoas, com que V. Excellencia recebeo a infausta noticia da molestia delRey nosso Senhor, cujo aviso nos deu V. Excellencia a ler, sem menos cabo do seu respeitado, e conhecido valor, em cifras de amor pelos olhos, quando estes como espelhos do coraçaõ, representavaõ opprimidos com lagrimas a dor, q̃ o angustiava no peito. Tambem da generosidade, e fidalguia deste procederaõ as devotas assistencias, e incessantes oraçoes de V. Excellencia nas preces publicas da Novena, que se fez na Igreja do Ouro Preto, cuja primeira Missa cãtou com Rito Pontifical o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Joaõ da Cruz, Dignissimo Bispo desta Diocese; pois este insigne, e virtuoso Prelado se achava por aquelle tempo na mesma Villa, donde expedio ordens, para que em todas as Igrejas do seu Bispado se fizessem as mesmas rogativas a Deos, por taõ ingente, e urgente necessidade, como o bem publico da saude, e vida do nosso Soberano. Conseguio o Augusto Monarca huma, e outra felicidade, cuja plausivel noticia*

mereceo

mereceo a V. Excellencia em alviçaras repetidas lagrimas de jubilo; pois quando saõ excessivas as causas, costumaõ produzir effeitos contrarios. Em todos mostrou V. Excellencia, que o anîma hum espirito Regio: pois na compaixaõ da enfermidade padeceo, e no alivio da queixa melhorou com El-Rey, nosso Senhor. E como a exemplo de quem o governa procede o Povo; julguey eu, que todos os vassallos Portuguezes sentiaõ nobremente os mesmos affectos, e sahi a publico com este dictame nos toscos periodos deste mal limado Discurso: o qual, como nascido de huma Alma taõ generosa, de hum coraçaõ taõ amante da nossa Serenissima Magestade, como o de V. Excellencia; torna outra vez ao seu elevado principio, por buscar na magnifica protecçaõ de taõ preclarissimo Heróe os asylos do melhor Mecenas. Esta he a justissima, e justificada razaõ, com que me arrojo a pôr aos pês de V. Excellencia este pequeno Papel, naõ pela fórma, pois o breve tempo de cinco dias, que para elle tive, naõ bastava nem ainda para cuidar em taõ alta empreza, quanto mais para desempenhalla; mas pela materia, por ser propria da heroicidade dos affectos de V. Excellencia, para que a defenda o respeito de quem, como V. Excellencia, tem nella tanta parte. A Illustrissima Pessoa de V. Excellencia guarde Deos para os augmentos, e felicidades, que merece, e todos desejamos. Villa do Carmo, 26 de Novembro de 1742.

De Vossa Excellencia

Mais reverente, e affectuoso criado

Joseph de Andrade e Moraes.

Reve-

Reverendiſſimo Litteratiſſimo, ac ter, & ampliùs ingenioſiſſimo Doctori Joſepho de Andrada e Moraes, pro Sereniſſimi JOANNIS V. Luſitaniæ Regis valetudine, in Gratiarum actione Supremo Numini diſertiſſimè concionanti,

EPIGRAMMA.

REgis in obſequium cùm te clamare videmus
   Ad Superos, Joſeph, pro quê ſalute rogas;
Aurea lingua tibi: ſacrataque verba locutus,
   Orphea divicis, Iſmaryamque lyram.
Dumque Polo meritas tendis perſolvere grates,
   Cernitur in plures creſcere fama gradus.
Ingenium lucet, lucet facundia vocis,
   Credimus aſtriferis te properaſſe plagis.
Scilicet orantem cùm te ſacra Pulpita cernunt,
   Se viſura parem ſæcula noſtra negant.

Pangebat Antonius Teixeira de Carvalho.

EIDEM

EIDEM AUCTORI

EPIGRAMMA.

DUm Rex ægrotat, nos ægrotamur & omnes:
Nos proſternit amor, Rexque dolore cadit.
Nunc Deus illi, tu nobis medicamina præſtas:
Tu Sermone tuo, ſed manibuſque Deus.

Canebat Dominicus Lopes Antunes.

Surgant,

Surgant, & opitulentur vobis, & in necessitate vos protegant ::: *Ego occidam, & ego vivere faciam : percutiam, & ego sanabo.* Deuter. 32.38.& 39.

OUCO teria de grande no excessivo apreço dos nossos affectos o admiravel, e prodigioso beneficio, de que cantamos hoje as devidas graças a Deos: (Amoroso Senhor Sacramentado, a quem nesse Eucaristico Throno adora a nossa fé por Deos verdadeiro, confessa a nossa humildade por unico Senhor, e Author da desejada merce, porque vos rendemos, e tributamos incessantes louvores: *Te Deum laudamus, Te Dominum confitemur.*) Pouco teria de grande no excessivo apreço dos nossos affectos o admiravel, e prodigioso beneficio, de que cantamos hoje as devidas graças a Deos, se naõ publicassemos tambem ao Mundo a estimavel causa da nossa gratulaçaõ. Quem manifesta

Ex Hym. SS. Amb. & Aug. in prin. c.

festa o effeito, naõ póde encobrir a causa, porque estas se daõ a conhecer por aquelles. E supposto, que he taõ publica a demonstraçaõ do nosso rendido agradecimento, que em todo o Portugal, e nas mais partes do Orbe, aonde se estende a Dominaçaõ Lusitana, em suaves, metricas harmonias, em sacrosantos, incruentos sacrificios, se tem repetido agradaveis victimas de louvor a Deos; justo he, que se publique tambem o motivo da soberana ventura, que logramos, e applaudimos: bem como fazia Anna, a mãy de Samuel, a qual ao mesmo tempo, em que se alegrava cantando graças a Deos: *Exultavit cor meum in Domino*, dizia com jubilos do espirito a causa da sua felicidade.

1. *Reg.* 2. 1.

Era esta o acharem-se jà convalecidos, cheyos de forças, e vigor, os que de antes padecèraõ, como enfermos: *Infirmi accincti sunt robore:* e tal he a nossa festejada ventura, que consiste na felicissima melhorîa, que experimenta o nosso Soberano Monarca do insulto de Parlezia, que o accometeo, e prostrou: melhorîa desejada com lagrimas, com suspiros, com lamentos: melhorîa pedida com préces, com jejuns, com penitencias publicas: melhorîa alcançada com favores da Misericordia Divina, com milagres do Ceo, com prodigios de Nossa Senhora das Necessidades; a quem S. Magestade Serenissima se encomendou com terna devoçaõ, e viva fé na sua afflicçaõ: melhorîa (em fim) applaudida com jubilos, com alegrias, com canticos de acçaõ de graças! Ah Portugal. E se

Ibidem. *v.* 4.

a saude de hum Rey taõ Pacifico, taõ Sabio, taõ Prudente, taõ Pio, taõ Catholico, taõ Justo, e em todas as perfeiçoens de Monarca taõ bom, como o que te domîna, he o mayor bem, que pódes gozar; a quem havias de dever esta summa felicidade, senaõ a Deos, que he com particular providencia o Author do teu Reyno, e dos teus Reys, nos quaes fundou o Imperio mais fiel para si a Divina Magestade: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire?* Mas vejamos já, o que diz o nosso Texto para taõ singular caso.

Ex Juram. Alphons. I. Portug. Reg.

No cap. 32. do Deuteronomio arguîa Deos ao Povo de Israel pela adoraçaõ, que davaõ aos Idolos; pois sendo a veneraçaõ, que aquella Naçaõ apostata da fé, e Religiaõ verdadeira dava às suas mentidas deidades, a mayor, naõ achavaõ o menor patrocinio no seu culto, naõ lhes acudiaõ nas necessidades, naõ os livravaõ da morte, naõ os aliviavaõ nas doenças. Pois Israel (dizia Deos àquelle ingrato Povo) onde estaõ aquelles Deoses falsos, aquelles respeitados simulacros da tua idolatria, em que tanto confiavas até agora: *Ubi sunt Dii eorum, in quibus habebant fiduciam?* Se temes o estrago da morte, invóca as tuas idolatradas imagens para que se levantem, e te soccorraõ: *Surgant, & opitulentur vobis.* Se tens necessidade de saude, clama pelos teus adorados Idolos, que te protejaõ: *Et in necessitate vos protegant.* Mas ah! que estás taõ cego, como enganado, ò Povo infiel. Abre, abre os olhos da razaõ, ò Po-

Deuter. 32. 37.

vo ingrato, e conhecerás (continûa o Altiſſimo) que Eu ſó ſou o Deos, que te póde dar remedio nas tuas afflicçoens: *Videte, quod ego ſim ſolus.* Eu ſou o que dou a morte, e a vida: *Ego occidam, & ego vivere faciam.* Eu ſou o que caſtigo, e o que ſaro as feridas: *Percutiam, & ego ſanabo.* Dou o caſtigo com as doenças, ou para flagello dos peccados, ou para exame do ſofrimento: *Percutiam infirmitate*, commenta Hugo Cardeal; e dou a ſaude para augmentar, e fazer mais ditoſa a vida: *Et ego ſanabo.* Oh! e que bem reconhecemos nós eſta virtude do voſſo poder Divino (Deos, e Senhor meu) na deſejada ſaude do noſſo Sereniſſimo Rey, ſem incorrermos a culpa de idolatras, como os Iſraelitas; pois antes temos merecimento no que elles tiveraõ demerito.

Ibidem.v. 39.

Hug.hîc

Enfermou Sua Mageſtade: e como a queixa ameaçava ao inclyto Rey com o ultimo perigo da vida, temeraõ todos os vaſſallos Portuguezes a morte, naõ ſó do Rey, mas de todo o Reyno; pois he eſtrago commum da Monarquia o cataſtrofe do Soberano: como a enfermidade do noſſo Monarca era perigoſa, ſentíraõ todos os Luſitanos o golpe, e padeciaõ no coraçaõ a Regia doença; pois offendida a cabeça em hum corpo, todos os membros delle padecem. Principiou particular, ou em hum ſó o accidente paralytico, mas fez-ſe logo publica a afflicçaõ; porque como eſſe hum he o Luſo Principe, a quem reſpeita aſſombrado todo o Orbe por unico, e ſingular; pre-

cisamente havia de ser de todos os seus amantes vassallos a molestia. Por isso, como se estes fossem os doentes, começárao a patrocinarse para o beneficio da saude, das Sagradas Imagens mais insignes, e milagrosas da Corte. Levantarao-nas em andores, levárao-nas em procissoens, chegàrao com muitas até á camera del-Rey, onde deixàrao as mais devotas, e celebradas, para lhe ministrarem o soccorro, para lhe prestarem o alivio: *Surgant, & opitulentur vobis.* Crivel se faz á piedade Catholico-Lusitana, que todos aquelles venerados simulacros, ou os Santos, a quem elles representao, influirao beneficios para a esperança do nosso remedio: como porèm o caso era o da mayor necessidade, só á Senhora das Necessidades se entregou o nosso Soberano para conseguir, como conseguio, na protecçao de Maria Santissima a melhorîa, que experimentou tao repentina, como milagrosa: *Et in necessitate vos protegant.* Pois pelo patrocinio admiravel da sempre Virgem, excitado da fervorosa devoçao, e viva fé da piedade Regia, o mesmo Monarca, que estava proximo á morte, recuperou a vida, que Deos lhe ha de dar larga: *Ego occidam, & ego vivere faciam*: o mesmo Soberano, que estava molestado de perigosa enfermidade, se restituîo a huma saude, que com o favor Divino ha de ser a mais perfeita, e vigorosa: *Percutiam infirmitate, & ego sanabo.*

Mas sendo este o caso da nossa presente felicidade, parece, que tem duas duvidas grandes,

des, ou duas incoherencias com o noſſo Texto. A primeira, que ſendo ElRey o ſaõ; e o reſtituido á ſaude, diga o Texto, que o Povo todo he o ſoccorrido, e aliviado: *Opitulentur vobis.* A ſegunda, que ſendo a neceſſidade da melhoría do noſſo Soberano huma ſó, para a qual ſe implorava a protecçaõ da Mãy de Deos: *In neceſſitate vos protegant*; faz Maria Santiſſima o prodigio, como Senhora das Neceſſidades. Pois como ſe multiplicaõ as neceſſidades para o patrocinio de Maria, e he ſoccorrido o Povo todo, quando Sua Mageſtade melhora da infauſta queixa, que o opprimio? Por iſſo meſmo. De ſorte, que nós temos neceſſidade de taõ amavel Rey, como o que nos governa: que tenhamos eſta neceſſidade da conſervaçaõ do noſſo Soberano, he infallivel: mas porque? A razaõ he clara, ſe a conſideramos *à poſteriori*, e vem a ſer, porque Deos lhe deu milagroſa ſaude, e Deos naõ faz milagres ſem neceſſidade. O que ſuppoſto, como os vaſſallos ſomos muitos, multiplicaraõ-ſe em todos nós as neceſſidades da melhoría de taõ bom Rey: a eſta neceſſidade publica de Portugal acodio a Mãy de Deos como Senhora, que dá remedio a todos. E como neſte caſo fatal as neceſſidades eraõ tantas, como os vaſſallos, que neceſſitamos de taõ grande Rey, e todos ſomos favorecidos na prodigioſa mercè da ſua ſaude; por iſſo he alivio de todos nós a melhoría, que ElRey alcançou pela piedoſa protecçaõ de Maria Santiſſima, da Senhora das Neceſſidades:

Surgant,

Surgant, & opitulentur vobis, & in necessitate vos protegant. Ainda me explicarey melhor, se poder.

Reproduziraõ-se na doença, e na melhoría do nosso Monarca as necessidades. Fez huma reproducçaõ o amor, e a piedade outra. O amor he doença mortal, que consome a vida; he ferida, que doe, e naõ se sente; padece-se por vontade, sofre-se por gosto este cruel martyrio; por isso he toleravel o seu nimio tormento: mas por mais que se tolere, naõ deixa o amor de ser ferida incuravel, como lhe chamou o Poeta: *Vulnus alit venis.* Nasce esta chaga no coraçaõ, que he o centro das finezas: e como o amor innato, que os vassallos Portuguezes temos ao nosso natural Principe, nos feria a alma com a agudeza da sua queixa; fez a necessidade, e a precisaõ deste affecto, que a doença delRey fosse de todos os seus vassallos. Vio a piedade da Mãy de Deos esta necessidade commua, e moveo-se piedosa a darlhe remedio, como Senhora das Necessidades: *In necessitate vos protegant*; e assim como se reproduzio a enfermidade do Rey no coraçaõ dos Portuguezes, assim se reproduzio tambem a melhoría do nosso Soberano no corpo mystico dos seus vassallos. Por isso a sua saude he nosso alivio, quando por meyo da protecçaõ da Senhora das Necessidades conseguio ElRey sarar da queixa, que o magoava a elle, e nelle a todos nós: *Percutiam infirmitate, & ego sanabo: & in necessitate vos protegant.* Este será o argumento

Virgil.

gumento da preſente gratulatoria acçaõ, para que conheça o Mundo a grandeza do motivo, porque os Portuguezes leaes ſempre, e ſempre amantes do ſeu Soberano, damos hoje, e devemos em todo o tempo dar a Deos inceſſantes graças, e perennes louvores: *Te Deum laudamus.*

LOuvamos hoje a Deos, e cantamos ao Altiſſimo jubilantes gratulatorios hymnos, ò ſempre Heroycos Portuguezes, pelo ſingular beneficio, que nos fez de ſarar ao noſſo Soberano Monarca da perigoſa enfermidade, que padeceo. Beneficio, e favor taõ grande he eſte da Divina Miſericordia, que comprehende naõ ſó ao Rey de Portugal, mas aos vaſſallos Portuguezes. Convaleceraõ os vaſſallos, quando ſárou o ſeu Rey na Luſitania: foy a melhorîa geral do Reyno, porque tinha ſido no Reyno univerſal, e tranſcendente por todos a enfermidade do Rey. A ſaude dos Reys he hum bem publico dos ſeus Eſtados, pois quando os Reys ſaõ juſtos, e rectos, depende, e neceſſita delles a utilidade da Republica: e como eſte util ceſſa na ſua falta, e na ſua doença, por iſſo a enfermidade do Rey he mal commum dos vaſſallos. Donde vem, que do meſmo modo que entre o Rey, e os vaſſallos, que ſe amaõ, como moſtra a experiencia entre os Luſitanos, ſe participaõ os males por virtude do affecto, tambem ſe haõ de communicar os bens por força da correſpondencia: pois

pois de outra forte naõ teria o amor igualdade em ambas as fortunas, profpera, e adverfa, o que feria contra os timbres da conftancia Lufitana, de que nos daõ taõ heroycos exemplos as noffas Chronicas.

E fe os vaffallos Portuguezes recobrámos todos a faude, quando a alcançou na fua infaufta doença o noffo Soberano Augufto; porque naõ havemos todos de dar muitas, e mais que muitas graças ao Altiffimo, reconhecendo-nos, e confeffando-nos favorecidos no remedio, e aliviados na afflicçaõ, em que ElRey fe vio, e de que Deos o livrou, e nelle a nós todos, pela gloriofa, e fempre efficafiffima intercessaõ da Senhora das Neceffidades: *In neceffitate vos protegant, percutiam infirmitate, & ego fanabo*? Oh naçaõ Portugueza, que nefte fino fentimento, nefta amorofa compaixaõ da queixa do teu Rey Sereniffimo, es com elevada razaõ admiravel, e admirada de todas as Eftrangeiras por amante do teu Monarca! Sim, amante, extremofa, e exceffiva com defculpada inveja de todo o Mundo; pois eftes affectos de compadecido, eftas finezas de magoado na enfermidade Regia, que lamentavas como propria de cada particular teu, fó podiaõ nafcer, ò Portugal, do amor, que devidamente tens ao teu Soberano.

Tem o amor tanta virtude para communicar os males entre os que fe amaõ, que até o amor jufto, ou a caridade faz efta reproducçaõ de moleftias nos amantes. De maneira, que

 quan-

quando o amor reyna igualmente entre muitos, e adoece algum delles, naõ he este só o doente; saõ todos os que o amaõ, os enfermos: padecem todos no affecto, que tem ao queixoso, ainda que só o molestado tolére o effeito da sua queixa. Por isso perguntava S. Paulo: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Quem de vós, ò Corinthios (dizia Paulo:) quem de vós adoece, sem que eu esteja doente tambem? Como se dissera: A todos vos amo como a mim mesmo; a todos vos quero com inviolavel observancia do segundo preceito da ley do amor: *Secundum autem simile est huic: Diliges proximum tuum, sicut te ipsum.* E como o amor he huma communicaçaõ dos males, e dos bens, naõ posso eu passar bem, quando vós estais mal; antes eu padeço como enfermo, ao mesmo tempo, que qualquer de vós sente o estrago de alguma enfermidade: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Rara fineza! Atè aqui he, que póde chegar o mayor extremo de huma ardente caridade! Cuidava eu até agora, que para adoecer naturalmente, bastava a natureza estragada com as miseraveis consequencias da primeira culpa; mas já vejo, que tambem ha arte para estar doente sem malificio. Foy o amor o novo, e sabio author desta sciencia, como antagonista do affamado Hyppocrates: pois se este inventou o methodo para se curarem as enfermidades, aquelle ensina os aforismos para adoecer sem molestia propria. A Medicina escreveo remedios para extinguir as quei-

2. Corint. 11. 29.

Matth. 22. 39.

queixas; o amor faz as receitas para se communicarem os males.

A' communicaçaõ, ou contagio dos males, chamaõ os Medicos Epidemia, a qual, segundo a derivaçaõ do Grego: *Epi*, e *demos*, quer dizer doença popular. Esta dizem, que procede da corrupçaõ dos ares: mas o certo he, que onde reina o vento do amor, o ar dos suspiros, com que respiraõ os finos affectos, sempre ha epidemia, sempre he epidemica, ou geral a enfermidade entre os amantes, quando enferma o amado. E que bem instruidos estavaõ destes effeitos os affectos caritativos de Saõ Paulo? Adoecia o Apostolo, quando enfermava algum dos a quem amava: *Infirmatur, & ego infirmor*: e para que se visse, que no ardente coraçaõ de Paulo reproduzia o amor a mesma enfermidade, que padeciaõ os seus discipulos; se a molestia destes eraõ dores, dores maltratavaõ ao Mestre: se eraõ afflicçoens, afflicçoens angustiavaõ ao Apostolo: *Quis infirmatur.* (Le o A' Lapide na exposiçaõ deste Texto:) *Quis infirmatur, dolet, affligitur, & ego non infirmor, non doleo, non affligor?* Se os extremos Lusitanos nesta occasiaõ da fatal molestia do nosso Monarca naõ fossem iguaes aos do Apostolo, bem podiamos dizer, que era singular esta fineza de Paulo; pois para mostrar o heroyco da sua caridade, deixava de sentir as suas doenças, para padecer as alheas. Nas suas, por mais que o prostrassem, por mais que o

Blut.Vocabul.t.3. litr.E.p. 176.col.1

A' Lap. hic.

 morti-

mortificassem, por mais que o opprimissem; achava gloria, achava consolaçaõ, achava alivio: *Gloriabor in infirmitatibus meis*: nas alheas, por mais que só as queriaõ sopportar os seus amados, elle era o que sentia os incommodos do doente as dores do queixoso, as afflicçoens do enfermo: *Infirmor, doleo, affligor. Reputando* (commenta o Cardeal Hugo) *illam infirmitatem esse meam, quia tantum doleo, ac si esset mea.*

2.Corinth. 12. 9.

Hug. in 2. ad Corinth. 11. 25.

E se isto fazia para com todos o amor de Paulo, Paulo, aquelle Apostolo, cujo coraçaõ dilatado nos incomprehensiveis, flãmantes espaços da caridade, recolhia a todos em si, como diz o mesmo Hugo: *Cor latum habebat, quia omnes capiebat*; aquelle Apostolo, a quem Deos escolheo, como vaso de eleiçaõ, para levar o seu Santissimo Nome ao Gentilismo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus*; porque naõ haviaõ de fazer o mesmo para com o seu inclyto Soberano, os Portuguezes? Os Portuguezes, que sempre amantes, e fieis dèraõ pelo seu Rey o coraçaõ, e a vida; os Portuguezes, que foraõ escolhidos por Deos, como Apostolos, ou como Paulos, para que levassem o lume da Fé Catholica áquellas gentes, que viviaõ fóra do gremio da Igrèja: *Ut deferatur nomen meum ad exteras gentes?* Sendo porém tanta a congruencia de motivos, que ha entre as finezas de Paulo, e as dos Portuguezes na compaixaõ das enfermidades alheas; pareceme, que no

Idem ubi supra.

Actor. 9. 15.

Ex Jurum. Alphons. I. Portug. Reg.

justo,

justo, e devido sentimento da molestia do seu Soberano Principe, excedem os Portuguezes a Paulo. A razaõ he, porque o Apostolo era Pastor, e Principe daquelle Povo, por quem padecia; os Lusitanos saõ vassallos, e subditos do Rey, por quem se magoaõ: e parece, que os subditos naõ tem tanta obrigaçaõ de sentir o mal do Principe, como tem este de se condoer das molestias dos vassallos.

David, aquelle grande Rey, que aos Reys todos deixou exemplo de governar com prudencia, justiça, e temor de Deos, vio, que huma peste lhe hia devastando o Reyno; e sentio de sorte o estrago, que antes queria ser elle o punido, que ver castigado o seu Povo, desonerando a este de toda a culpa, e attribuindo-se a si todo o motivo de tanta calamidade: *Ego sum* (dizia compungido aquelle Monarca:) *Ego sum, qui peccavi, ego inique egi: isti qui oves sunt, quid fecerunt? Vertatur, obsecro, manus tua contra me.* Ao mesmo David succederaõ muitos, e grandes trabalhos: rebellouse contra elle o proprio sangue em seu filho Absalaõ; perseguiraõ-no os inimigos; teve molestias, e cuidados graves na consecuçaõ da Coroa, e em outras emprezas. E supposto que o amavaõ muito os vassallos, nunca estes sentiraõ, ou ao meno naõ nos consta, que sentissem como suas as afflicções de David, quando elle desejava padecer pelos vassallos o mortal golpe: *Vertatur, obsecro, manus tua contra me.* Mas de que nasceria esta desigualdade

2. *Reg.* 24. 17.

de affectos, se entre os vassallos, e o Rey havia amor reciproco? De nenhuma outra causa, senão da differença de estados. Huns eraõ vassallos, e Rey o outro: os Reys, que saõ bons, sentem como proprios os incommodos do Reyno; o Reyno, por mais que ame ao seu Soberano, nunca chega a reputar (fóra da Lusitania) por sua a molestia do Rey. Por isso, ainda que David desejava padecer por todos os seus vassallos, e como cada hum delles; os vassallos naõ consta que quizessem padecer como David, ainda que lhe tinhaõ muito affecto.

A razaõ natural desta grande differença hé a desigualdade moral, em que está o amor no Rey, e nos seus vassallos: nestes, quando muito, reside o affecto de filhos; naquelle sempre deve existir o amor de pay, e o amor do pay prevalece ao do filho. Já houve, quem excitou esta questaõ, e resolveo-a a favor do amor paternal, com o fundamento de que o amor no pay desce, e no filho sóbe, e em quanto o amor sóbe, ainda tem que crescer, e póde ser mayor; mas depois que o amor começa a descer, he porque nem acha já degráos por onde suba, nem já encontra gràos, em que se augmente. Em fim o amor he pezo, cuja natural inclinaçaõ busca o seu centro para baixo, descendo; e naõ póde sobir, sem violencia da sua propria natureza: por isso como menor o affecto do filho, póde, e tem que subir delle para o pay; e como mayor o

amor do pay começa a defcer delle para o filho. O lugar de filhos tem os Portuguezes no coraçaõ de feu Principe, porque os Reys da Lufitania fempre amáraõ como pays aos feus vaffallos; e tendo eftes fó a obrigaçaõ do affecto de filhos, fentirem como propria a enfermidade do feu Soberano, lá imitaçaõ do que padecia Paulo pelos feus Corinthios enfermos, eftando o Apoftolo em lugar de pay, como Principe que era: *Conftitues eos Principes*; bem fe deixa ver, que o amor Portuguez excede ao de Paulo na compaixaõ das doenças alheas, pois as faz proprias: *Patitur fuas, & fimul aliorum infirmitates tolerat*, diz com Theophylato o A' Lapide. Mas, ou feja igual, ou feja exceffiva em nós efta magoa; o certo he, que eftas finezas fó fe encontraõ ou na fidalguia do coraçaõ daquelle Principe da Igreja para com os feus fubditos, ou na heroycidade do amor dos vaffallos de Portugal para com o feu Rey.

Ps. 44. 17.

A' Lap. in 2. Cor. 11. 29.

No Reyno de Ifrael, no da Syria, e em outros Imperios, adoeceraõ muitos Reys, e entre elles Ochofias, Benadad, e Afa. E que fuccedeo nas enfermidades deftes Monarcas? Succedeo, que Afa, ainda que Rey, elle era fó o doente: *Ægrotavit etiam Afa*; que Benadad, ainda que Principe, elle era fó o queixofo: *Benadad Rex Syriæ ægrotabat*; e que Ochofias, ainda que Soberano, elle era fó o enfermo; *Ceciditque Ochofias::: & ægrotavit.* De nenhuns dos vaffallos daquelles Principes

2. Paralip. 16. 12

4. Reg. 8. 7.

Ibid. c. 1. v. 2.

nos

nos refere o Texto Sagrado, que enfermassem, quando os seus Reys adoecéraõ, nem que por elles, e pelo restabelecimento das suas queixas fizessem o minimo extremo. Eraõ as doenças perigosas, e todos aquelles Monarcas desejavaõ melhorar dellas: mas como se os vassallos naõ lhe tivessem amor, ou naõ lho merecessem os Reys, naõ lhe solicitavaõ aquelles o alivio, só estes diligenciavaõ para si proprios a cura.

Ochosias poz toda a sua esperança em Beelzebub Deos de Accaron, e a este Idolo he que mandou consultar o fim da sua enfermidade, a qual só parou na morte: *Ite, consulite Beelzebub Deum Accaron, utrùm vivere queam de infirmitate mea hac.* Benadad buscou, e conseguio em Deos o alivio da sua queixa, por meyo do Profeta Eliseo; mas para isso foy necessario, que mandasse a Hasael fazer esta diligencia: *Et ait Rex ad Hasael: vade, & consule Dominum per eum.* Asa finalmente confiou só da sciencia Apollinea o remedio para a sua melhorîa, mas frustradamente, porque morreo daquella doença: *In Medicorum arte confisus est. Dormivitque cum patribus suis.* Assim eraõ tratados aquelles Reys enfermos: faltava aos seus vassallos o amor, e a compaixaõ, por isso naõ faziaõ pela saude daquelles Monarcas diligencia alguma, só quando os obrigava o preceito Regio. E que succedeo em Portugal em necessidade semelhante? Eu o direy, ou diga-o Portugal todo.

4. *Reg.* 1. 2.

Ibid. cap. 8. *v.* 8.

2. *Paral.* 15. 12. & 13.

Adoe-

Adoeceo a Mageſtade do noſſo Sereniſſimo Rey D. Joaõ V. que Deos guarde, e proſpère: era a ſua enfermidade mortal: e como neſte caſo ſó Deos póde dar, e dà a melhorîa, por mais que os Medicos ſe deſvelem para a conſecuçaõ da ſaude, ſegundo dizia o Real Profeta: *Medici ſuſcitabunt, & confitebuntur tibi*; em quanto no Paço eſgottava a Medicina os remedios humanos, nas Igrejas, nas ruas, e nas caſas dos particulares ſe imploravaõ de Deos os Divinos remedios. Entre confuſos alaridos de enternecidas lagrimas, era cada caſa hum Oratorio, em que ſe pedia a Deos a ſaude do Rey: era cada rua huma Thebaida povoada de penitentes: naõ ſe via, nem ſe ouvia outra couſa, mais que clamores, rogativas, e mortificaçoens para alcançar por meyo deſtas penitencias publicas a melhorîa do Saberano: dentro de dezaſeis dias ſe contáraõ ſó em Lisboa ſetenta e ſete Prociſſoens com as Imagens mais milagroſas, e devotas, que venèra a Corte: muitas Communidades de Religioſos, huns deſcalços, outros tomando diſciplinas publicas, ſahiraõ dos ſeus Conventos para conſeguirem taõ deſejada felicidade, como era o alivio delRey: finalmente eraõ as Igrejas caſas de oraçaõ, onde em continuas humildes preces ſe rogava a Deos pela ſaude do Monarca. Todos, e cada hum dos Portuguezes, por meyo das Sagradas Imagens, a que tinhaõ devoçaõ, imploravaõ o remedio daquella queixa, o auxilio naquella neceſſidade: *Surgant, & opitulentur*

Pſ. 87. 11

 tulentur

tulentur vobis, & in necessitate vos protegant.

Assim o recenheceo a propria Mageſtade enferma, e o admiráraõ as Eſtrangeiras Nações. Notavel fineza! E que mais faria cada vaſſallo de Portugal, ſe elle foſſe o doente? Parece-me, que nem tanto. Mas aſſim havia de ſer, para que ſe conheceſſe, que na Luſitania ſentem os vaſſallos as moleſtias do ſeu Principe, mais que as proprias, e que buſcaõ o remedio para a doença do Rey, como ſe foſſem os enfermos os meſmos vaſſallos. A que Portuguez ſe proporia a enfermidade delRey: *Infirmatur*, que naõ reſpondeſſe, que elle tambem eſtava enfermo: *Et ego infirmor?* Neſta materia, por ſer de amantes affectos, naõ ha teſtimunhas, como as acçoens; porque ſó nas obras, como diz Saõ Gregorio Papa, ſe prova, e examina o amor: *Probatio ergo dilectionis exhibitio eſt operis.* Tanta devoçaõ, tanto deſvelo, tanto cuidado, tanta mágoa dos Portuguezes na occaſiaõ do ſentimento commum, que referimos, que foraõ, ſenaõ abonadas teſtimunhas do amor provado, e approvado nas obras, e demonſtraçoens da mayor fineza, com que ſentimos a enfermidade do noſſo Auguſto Monarca? Porém ſe naõ val taõ relevante prova, como ſe manifeſtou nos effeitos da noſſa dor, recorramos á cauſa della para demonſtrarmos mais ſubido de ponto o amor Luſitano na propria queixa, que padeceo ElRey, e nos progreſſos da ſua infauſta enfermidade.

Div. Gregor. Hom. 30. in Euang.

A enfermidade foy hum eſtupor, o qual ſegun-

ſegundo as noticias mais veridicas, que nos chegàraõ da Corte, offendeo a Sua Mageſtade a parte eſquerda da cabeça, e todo o corpo da meſma parte. Myſterioſo acaſo para o que vamos dizendo! ElRey com os ſeus vaſſallos faz hum corpo myſtico, do qual ſaõ os vaſſallos as partes inferiores, e a cabeça ElRey: e como na offenſa deſta parte, principal entre as corporeas, ſe offendem todas as outras, conforme o proloquio Medico: *Cum caput dolet, cætera membra dolent*; permittio a Providencia, que no inſulto daquelle accidente paralytico padeceſſe a cabeça, e o corpo do Soberano, para que ſe viſſe, que no corpo, que ſaõ os vaſſallos, havia o meſmo ſentimento, que na cabeça, que he o Principe. Parece, que quiz a Providencia, que tudo provê, moſtrar neſte caſo ao Mundo o mayor exemplo do amor em Portugal; e para eſte fim diſpoz a queixa delRey de maneira, que naõ padeceſſe, ou ſó o corpo, ou a cabeça ſó; mas a cabeça, e o corpo juntamente. Como quem diz: Se padecer ſó o corpo, ſentiráõ ſó os vaſſallos, que no meſmo corpo ſe repreſentaõ; ſe ſe doer ſó a cabeça, magoarſe-ha ſó o Rey, que na meſma cabeça ſe ſignifica. Neſta divizaõ, e ſingularidade do ſentimento queixarſe-ha o amor, que faz communs os males: pois para que iſto naõ ſucceda, na preciſaõ delRey eſtar doente, padeça na cabeça, e no corpo, para que neſte ſintaõ os vaſſallos, e naquelle o Principe a meſma enfermidade: porque ainda que pareça crueldade

de mayor extenderſe a queixa pela extenſaõ das partes offendidas, para que naõ logre a tyrannia o ſeu intento, lá eſtaõ os vaſſallos Portuguezes, que ſentindo no corpo, ou pelo corpo do ſeu Rey eſtuporado, ſerviraõ de alivio á Mageſtade enferma. Aſſim aconteceo, e para admirarmos o como, vamos examinando os progreſſos da Regia queixa.

Paſſados alguns dias da enfermidade do noſſo Soberano, e nelles a mayor força do inſulto extincta, ficou a cabeça delRey livre daquelle accidente, e a parte eſquerda do corpo affecta com o meſmo eſtupor. E para que? Para moſtrarem os Portuguezes, que por livrarem ao ſeu Auguſto Monarca (ſe eſtiveſſe na ſua maõ a execuçaõ deſta fineza) do fatal perigo, que o ameaçou, padeceriaõ, e padeciaõ elles por affecto no corpo delRey offendido, e ficaria, como ficou com effeito, o Principe, como cabeça do Reyno, aliviado. Sim, porque trocando a occaſiaõ os lugares do ſentimento, ſe ElRey era o anguſtiado Ablalaõ luctando com mortaes anguſtias, o amor Portuguez foy o magoado David, que deſejava padecer pelo ſeu amado Principe: *Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te?* Para credito deſte amoroſo exceſſo de Portugal, naõ foy menor providencia a de padecer ametade do corpo de Sua Mageſtade; ou para que ſe conheceſſe, que fazendo elle hum corpo com os ſeus vaſſallos, ſe repartia igualmente por todos a enfermidade Regia; ou que deſejando nós a

2. *Reg.* 18. 33.

ſaude

ſaude do noſſo Principe Soberano, tomariamos, ſe pudeſſemos, ſobre nós a ſua moleſtia, ſendo ſua aquella ametade do corpo, que eſtava livre, e noſſa a outra ametade, que ſe achava paralytica. Iſto que parece ſó ſoborno do amor, e fineza da vontade, tem a ſeu favor hum grande fundamento na Medicina.

Foy aguda obſervaçaõ do Sabio Medico Sennerto, que a cauſa do eſtupor, ou o principio da parleſia, naõ eſtá na parte paralytica, nos membros eſtuporados; mas em outra parte muito diſtinta; e que por falta deſte conhecimento erraõ muitos Profeſſores a cura deſte achaque, applicando os remedios ás partes affectas; ignorando a origem natural da queixa, onde deviaõ applicallos: *Stulte* (diz Sennerto:) *Stulte faciunt, qui ad reſoluta membra operam ponunt, origine naturali ignorata.* Daqui vem, que Galeno curou a parleſia de huma maõ a certo doente com a meſma receita, de que na parte offendida ſe uſava ſem utilidade, por conſelho de outro Medico; pois tendo eſte applicado o remedio inefficazmente á maõ reſoluta; Galeno lho removeo da meſma maõ, e lho poz na ſetima vertebra do eſpinhaço, onde eſtava a cauſa do mal, e conſeguio com felicidade a cura. De maneira, que ſe em huma parte eſtá a cauſa, e em outra o affecto do eſtupor, padeciaõ os Portuguezes por affecto, para que o ſeu Soberano ficaſſe livre da cauſa, ainda que eſte remedio lhes houveſſe de cuſtar a vida; porque o amor os offerecia voluntariamente

Sennert. c. de Paralyt.

Galen. l. 1. de locis affect. c. 5

mente á morte, que queriaõ padecer pelo ſeu amavel, e deſejado Principe: *Quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te?*

Oh prodigio, do amor, com o qual naõ pódem competir outras quaeſquer finezas; por mais que ſe graduem de exceſſos! E como me parece, que ſe vio em Portugal, e em todas as ſuas Conquiſtas no extremo dos Portuguezes aquelle maravilhoſo portento, que admirou a todos em Cafarnaú! Neſta Cidade apreſentàraõ a Chriſto hum enfermo de eſtupor, e parleſia perfeita, pois lhe tomava a queixa todo o corpo: eſtava o enfermo de tal ſorte tolhido deſde os pès até a cabeça, que nem para procurar o remedio á ſua ſaude podia moverſe, e por iſſo o levàraõ ao Divino Medico na propria cama, em que jazia ſem movimento, nem ſentimento o doente: era em fim o doente, paralytico, que he o que ſuccede a todos com o eſtupor conſervado nas partes offendidas deſte mal, como ſegue a Medicina: *Portantes* (diz o Texto Euangelico de Saõ Lucas:) *Portantes in lecto hominem, qui erat paralyticus.* Buſcava o Paralytico a ſua ſaude, e para iſſo ſe chegou em Chriſto á fonte da vida. Applicou-ſe o Divino Medico com ſoberana virtude á cura da parleſia, e ſarando repentinamente ao enfermo; adverte o Texto Sagrado, que o eſtupor, que atè entaõ eſtava ſó no doente depois da cura, que lhe fez Chriſto, tomára a todos os que procuravaõ, e ſe achavaõ preſentes áquelle grande milagre: *Abiit in domum ſuam,*

Luc. 5. 18.

Ibid. v. 25. & 26

ſuam, magnificans Deum. Et ſtupor apprehendit omnes. Notavel ſobre prodigioſo portento! E por certo, que ao pé da letra naõ ſey, que poſſa haver caſo taõ ſemelhante ao noſſo, como eſte, que referimos do Sagrado Euangelho.

Inſultou o accidente paralytico a ElRey, e ſuppoſto que ſó para elle ſe buſcava o milagroſo remedio, era tal o affecto, e o deſejo, com que os ſeus vaſſallos pediaõ a Deos a ſaude para o Soberano, como ſe todos eſtiveſſem doentes da meſma queixa, e tiveſſe paſſado para todos o meſmo eſtupor, de que Sua Mageſtade adoecia: *Et ſtupor apprehendit omnes.* Mas ainda tem mayor energîa, do que parece, para o noſſo ponto o Texto Euangelico. De maneira, que entre aquelles, que preſenciáraõ a milagroſa cura do paralytico, eſtavaõ naõ ſó as muitas peſſoas, que buſcavaõ em Chriſto ſobrenatural remedio para as ſuas enfermidades; mas os que levavaõ ao meſmo paralytico no leito humilde, e pobre, para lhe diligenciarem a prodigioſa ſaude: *Portantes in lecto hominem.* Eſtes portadores do enfermo eſtuporado, que mais que racional vivente, parecia animado cadaver, amavaõ muito, e com grande affecto ao meſmo doente; e por iſſo ſe compadeciaõ delle para lhe procurarem o remedio: *Cum adhuc infirmaretur, habebat amicos,* diz Sylveira. Eſte amor foy a cauſa do arrojado exceſſo, que fizeraõ de ſobir ao telhado da caſa, em que Chriſto ſe achava, e romper o tecto

Sylv. in Euang. t. 2. l. 4. c. 26. q. n. 22.

tecto do mesmo edificio, por onde introduzirão o enfermo, para demonstrarem a grandeza da sua caridade, como nota o Cardeal Hugo: *Hugo hic.* *Tectum* (diz elle) *est charitas*, *quia est eminentior pars spiritualis ædificii.* Foy tanta a caridade, tanto foy o amor, e a compaixaõ daquelles quatro homens para com o paralytico, que obrigando-os os seus nobres affectos a procurarem-lhe a cura da enfermidade, que o opprimîa; diz, (ou parece, que o diz) o Texto, que os occupou o mesmo estupor, que padecia o enfermo: *Stupor apprehendit omnes.*

Ah Portugal! E não foy este na occasiaõ, que referimos, o excesso do teu amor? Quem o póde duvidar? Foy, sim; porque tu excessivamente amante, excessivamente cuidadoso, em buscar em Deos o remedio para a saude do teu Rey Augusto, a quem trazes nas palmas, como levavaõ nas mãos ao paralytico de Cafarnaú os seus amigos; chegaste a fazer tua a parlesia do teu Monarca, chegaste a sentir como teu o estupor de teu Soberano; assim como tomou, e possuîo a todos o mesmo affecto no portentoso successo de outro paralytico: *Stupor apprehendit omnes.* Eu bem sey, que este estupor, de que falla o Euangelho, naõ he o mesmo que aquelle mal, a que os Medicos chamaõ principio de parlesia; e que quer dizer sómente, segundo a Exposiçaõ commua dos Padres, o pasmo, a admiraçaõ, e o assombro com que ficou a Turba pela novidade do prodigio, como prosegue o mesmo Texto: *Supor apprehendit*

hendit omnes , & magnificabant Deum. Et repleti ſunt timore dicentes: Quia vidimus mirabilia hodie; e o de Saõ Mattheus : *Videntes autem turba timuerunt, & glorificaverunt Deum, qui dedit poteſtatem talem hominibus.* E no meſmo convèm o de S. Marcos, que diz: *Ita ut mirarentur omnes, & honorificarent Deum, dicentes: Quia nunquam ſic vidimus.*

Math. 2. 12.

Marc. 2. 12.

E ſuppoſto, que podiamos defender o contrario, por duas razoens; a primeira, porque o Euangeliſta Saõ Lucas, de quem he o primeiro, e capital Texto, era Profeſſor de Medicina, e como Medico douto ſabia energicamente os termos da ſua faculdade Apollinea para ſe explicar, como ſe explicou, por elles; e a ſegunda, porque o paſmo, de que ſe entende o meſmo Texto, póde chamarſe eſtupor da alma, e das ſuas potencias, que ſenhorea, e deixa ſem acçaõ, aſſim como o eſtupor ſe póde dizer paſmo do corpo, e das ſuas partes, que occupa, e deixa ſem movimento: com tudo, quero, que aquelle termo Medico, proferido por hum Profeſſor taõ Sabio, como Saõ Lucas, naõ queira dizer mais que admiraçaõ, e aſſombro da novidade do portento, e maravilha, que ſe preſenciou: *Repleti ſunt timore, dicentes: Quia vidimus mirabilia hodie.* Porèm ainda ſendo aſſim, entendendo-ſe o Texto ſó neſte ſentido, porque naõ ſe ha de verificar nos Portuguezes, todos magoados com a queixa do ſeu Soberano, aquelle prodigio de Cafarnaú, ao menos para que admire o Mun-

do o milagre , o portento , com que o amor Luſitano quiz fazer proprio dos vaſſallos o eſtupor do Rey paralytico, para ſentirem todos aquelle mal, como ſeu, e buſcarem, como para ſi , o remedio á neceſſidade extrema do ſeu Soberano: *Stupor apprehendit omnes, & in neceſſitate vos prótegant?*

Ou ſe naõ , digaõ-me: que foraõ aquellas lagrimas, aquelles alaridos, aquelles clamores, e as mais demonſtraçoens publicas de Portugal neſte caſo, ſenaõ hum clariſſimo ſinal do amor, com que os Portuguezes deſejavaõ, e pediaõ a miraculoſa ſaude para o ſeu inclito Monarca ? Sey eu, que quando Chriſto Senhor Noſſo pedio a ſeu Eterno Padre o milagre da reſurreiçaõ de Lazaro , deu grandes brados , teve fortes turbaçoens , e finalmente deſafogou em pranto os exceſſos do ſeu ſentimento: *Infremuit ſpiritu, & turbavit ſe ipſum ::: & lacrymatus eſt Jeſus*; e deſtes amoroſos effeitos fizeraõ os circunſtantes hum argumento infallivel, para provarem o quanto o Senhor amava a Lazaro: *Ecce quomodo amabat eum!* E ſe no Divino Rey Chriſto foraõ as lagrimas, as turbaçoens, e os clamores ſinaes do amor, com que amava áquelle ſeu vaſſallo enfermo: *Ecce quem amas, infirmatur*; porque naõ haõ de ſer demonſtrativos deſte amoroſo affecto, para com o ſeu Monarca doente, os meſmos effeitos nos vaſſallos Portuguezes , nos quaes o meſmo Chriſto inſtituîo para ſi o Rey, e o Reyno: *In te Imperium mihi?* Alviçaras pois, ò Portugal , que a enfermidade

Joan. 11. 33. & 35.

Ibid. v. 36.

Ibid. v. 3.

midade do teu Sereniſſimo Rey, naõ era para o ultimo tranſito da vida, era ſó para gloria de Deos, que lhe havia de dar, como deu, milagroſa ſaude: *Infirmitas hæc non eſt ad mortem. Sed pro gloria Dei.* E ſe alèm deſta ſe manifeſtou outra gloria na doença do noſſo Soberano, foy ſó a do amor Portuguez, taõ unico, e taõ exceſſivo, que tomou a peito a queixa do ſeu Principe, querendo padecella, a troco de que ElRey a naõ padeceſſe: *Stupor apprehendit omnes.*

Ibid. v. 4.

Eſta foy a noſſa compaixaõ, ou o noſſo padecimento, igual, e ſimultaneo com o de Sua Mageſtade na ſua fatal queixa. E ſe no Reyno de Portugal he a enfermidade do Rey commua aos vaſſallos; como naõ ha de ſer a melhorîa do Soberano tranſcendente a todo o Reyno, para que demos graças a Deos, pois nos reſtitúe a todos a ſaude, quando a concedeo milagroſamente ao noſſo Monarca? O certo he, que aſſim como foy noſſa a moleſtia do Soberano, para a padecermos; tambem ha de ſer noſſo o alivio para o gratificarmos a Deos, reconhecendo por noſſo o Divino ſoccorro, que ElRey experimentou na neceſſidade, em que ſe vio: *In neceſſitate vos protegant.* Naõ poſſo negar, que em quanto ao noſſo Monarca foy huma ſó, e ſingular a ſaude recuperada: mas como a ſua ſaude he hum bem, e felicidade publica, tambem a lograõ os vaſſallos. Por iſſo ſendo huma a neceſſidade da melhorîa, de que trata o noſſo Texto: *In neceſſitate ego ſanabo*,

saõ muitos os soccorridos no Rey, que sarou: *Percutiam infirmitate, & in necessitate vos protegant.* Grande caso temos em hum Texto, ou grande Texto temos para o nosso caso.

Cantava David em huma occasiaõ, como esta, graças a Deos pela saude, que o Altissimo deu a hum Rey (pois isto he hum bem tamanho, que sempre se deve gratificar ao Supremo Author de todos os bens,) e dizia o Profeta desta maneira: *Confitebor tibi in nationibus, Domine: & nomini tuo psalmum dicam, magnificans salutes Regis ejus.* Senhor (dizia David a Deos) Senhor, eu vos confesso, eu vos dou incessantes graças: *Confitebor, idem valet, quod gratias ago*, diz Saõ Joaõ Chrysostomo: eu vos louvo, e vos louvarey sempre em todas as naçoens do Mundo, repetindo dignos Canticos, devotos Psalmos ao vosso Santissimo Nome, e engrandecendo as saudes do vosso Rey: *Magnificans salutes Regis ejus.* Nesta ultima clausula se offerece huma duvida muito grande. *Salutes Regis*, as saudes do Rey, diz o Texto. Mas se o Rey he hum só: *Regis*, como saõ as saudes muitas: *Salutes*? Seja embora a saude do Soberano favor especial da maõ Divina, porque a felicidade da saude de hum Rey he hum bem taõ universal, que só Deos com particular providencia o dá, como confessava o mesmo David: *Qui das salutem Regibus*; e o dá com milagre, como fez ao nosso Augusto Monarca, a Benadad Rey da Syria, e Ezequias Rey de Israel. Porèm se para estes, e outros muitos

Ps. 17. 50 & 51.

Div. Chr. hom. 35. *in Matth. tom.* 2.

Ps. 143. 10.

Reys baſtava huma ſó ſaude : *Salutem Regibus* ; para que ſaõ neceſſarias muitas ſaudes a hum Rey ſó : *Salutes Regis?* Eu o direy.

Eſte Rey, de que falla o Profeta no Pſalmo 17, conforme a torrente dos Expoſitores, era o Meſſias, Rey de todos os Reys : *Rex Regum*, e taõ benigno, taõ amante, taõ compadecido dos ſeus vaſſallos, que ſaõ os homens, que tinha em ſi todas as enfermidades do genero humano : *Vere languores noſtros ipſe tulit* : naõ tinha o Mundo queixa, ou dor, que o Divino Rey naõ toleraſſe por nós : *Et dolores noſtros ipſe portavit.* Communicavaõ-ſe entre o Rey, e os vaſſallos, os bens, e os males; e por iſſo ſendo ſuas as noſſas doenças, tambem haviaõ de ſer noſſas as ſuas ſaudes : havia de ſer a ſaude do Rey commua aos vaſſallos, para ſe avaliar, e engrandecer como muitas, ainda que em ſi foſſe a ſaude huma ſó : *Magnificans ſalutes Regis ejus.* Parece que o caſo com bem pouca applicaçaõ he o meſmo, que o noſſo. De maneira, que na infauſta moleſtia do noſſo Monarca foy taõ reciproco o ſentimento, que naõ ſó nos magoava a nós o mal, que ElRey padecia; mas devemos ao noſſo Soberano, que entre as tribulaçoens da ſua enfermidade ſe lembraſſe tambem das noſſas queixas; juſta correſpondencia, pois ſentiamos as ſuas, que lamentaſſe as noſſas : *Dolores noſtros ipſe portavit.* E ſe o amor entre o Principe, e os vaſſallos fez as enfermidades commuas, porque naõ ha de fazer o agradecimento univerſal

Apoc. 19. 16.

Iſai 53. 4.

Ibid.

ſal o prodigio da ſua ſaude, tanto para o Rey, como para o Reyno: *Nomine tuo pſalmum dicam, magnificans ſalutes Regis ejus?* Nem podia deixar de ſer aſſim. Pois tambem ha de haver razaõ para iſto? Tambem: e qual ſerá? Eu a digo. He porque a ſaude delRey foy prodigio, e mercè de Noſſa Senhora das Neceſſidades na neceſſidade, e afflicçaõ mayor, em que com a Regia queixa ſe vio o Rey, e o Reyno: e neſta neceſſidade commua tinha a Mãy de Deos obrigaçaõ de acodir á Mageſtade afflicta, e ao ſeu Povo magoado.

Eſth.14. 16. *Tu ſcis neceſſitatem meam.* Senhor (dizia Eſther a Deos:) Senhor, vós ſabeis a minha neceſſidade, que he extrema, pois eſtou condemnada com todo o meu Povo á morte: livraynos a todos deſte imminente perigo, applicay os ouvidos da voſſa piedade aos noſſos clamores, acudinos neſta anguſtia, em que nos achamos, pois temos poſta na voſſa clemencia toda a eſperança do noſſo remedio, e conhecemos, que vós ſois o todo poderoſo para nos ſoccorrer: *Deus fortis ſuper omnes, exaudi voces eorum, qui nullam aliam ſpem habent, & libera nos de manu iniquorum, & erue me á timore meo.* *Ibid.v. 19.* E feita eſta breve oraçaõ, entrou a meſma Rainha na preſença de Aſſuero, o qual liberaliſſimamente lhe deu a vida, naõ ſó para a meſma Eſther, mas para todos os Hebreos: *Dona mihi animam meam pro qua rogo, & populum meum, pro quo obſecro.* *Ibid.c.7. 3.* Notavel, e prodigioſa mudança! Ainda agora tanto ſuſto, e já

tanto

tanto alvoroço? Atè aqui publicado o decreto da morte, e agora firmado o indulto da vida? Hontem afiando-ſe a eſpada para a execuçaõ da ultima pena, e hoje embotados os fios ſem deſcarregar o golpe? Em hum inſtante a Mageſtade em Eſther ameaçada, e proxima a morrer, e com ella o ſeu Povo; e em outro inſtante o Povo, e a Rainha aliviados da capital ſentença? E porque? Porque Eſther lhe acodio, e ſó ella lhe podia acodir na neceſſidade, em que ſe achou: *Tu ſcis neceſſitatem meam.* Expliquemo-nos mais, para que fique mais clara eſta figura para o noſſo caſo.

Era Eſther huma figura propria, huma viva Imagem de Maria Santiſſima: iſto ſabem todos os que tem liçaõ da Eſcritura Sagrada, e dos ſeus Interpretes: mas Eſther em neceſſidade: *Tu ſcis neceſſitatem meam*, em que invocaçaõ ſerá Imagem da Senhora? He ſem duvida, que no titulo das Neceſſidades, pois eſte he o que declara o Texto: *Neceſſitatem meam.* Attendey agora, para admirares o ſucceſſo. A' Mãy de Deos, na Imagem da Senhora das Neceſſidades, ſe encomendou o noſſo Sereniſſimo Rey com fervoroſa oraçaõ no dia 29 de Junho; e tendo toda a parte eſquerda do corpo tomada com o eſtupor, logo moveo o braço offendido. Repetio no dia 30 a meſma ſupplica a Maria Santiſſima, dizendo com grande devoçaõ, e ternura eſtas palavras: *Em voſſo Santiſſimo Nome me animo a mover a perna offendida.* Oh viva fé, e digna de hum Monarca

taõ

taõ Catholico, e pio, como o noſſo! Mas que bem lhe correſpondeo a piedade de Deos? Pois logo (que Celeſte prodigio!) como ſe fora o paralytico tolhido da porta do Templo de Jeruſalem, que em nome de Jeſu Chriſto ſarou, e cobrou o exercicio dos membros reſolutos: *In nomine Jeſu Chriſti Nazareni, ſurge, & ambula:* como ſe fora o outro doente, que tinha huma maõ ſeca, e a moveo ao imperio das palavras, com que o Redemptor lhe deu ſaude áquella parte reſicada: *Extende manum tuam. Et extendit, & reſtituta eſt ſanitati*; no primeiro dia do prodigio eſtendeo Sua Mageſtade o braço: *Extendit*, e no ſegundo ſe levantou da cama, e ſe veſtio inteiramente ſem incommodo: *Protinus conſolidatæ ſunt baſes ejus, & plantæ.*

Act. 3.6.

Matth. 12.13.

Act. 3.7.

Oh! que jubilos, que contentamentos, que alvoroços naõ haveria no Paço, e em todo o Reyno com a certeza deſta felicidade! Que louvores, e graças ſe naõ dariaõ, e ſe deviaõ dar a Deos? Se na humildade do pobre do Templo Jeroſolymitano couberaõ tantos agradecimentos, e feſtas, por ſe ver reſtituido á integridade, e exercicio dos membros corporaes, como diz o Texto: *Et exiliens ſtetit, & ambulabat: & intravit cum illis in Templum, ambulans, & exiliens, & laudans Deum*; que faria na Soberania de hum Monarca taõ neceſſario aos ſeus vaſſallos, e em hum Reyno taõ amante do ſeu Rey? O certo he, que no applauſo deſta ventura, cada porta ſeria a Eſpe-

Ibid. v.8.

ciosa

ciosa do Templo, cada rua hum atrio delle para as demonstraçoens do gosto: *Exiliens stetit, & ambulabat*; cada casa hum Oratorio para louvar a Deos por taõ grande prodigio: *Exiliens, & laudans Deum.* E como este maravilhoso portento foy obra da Senhora das Necessidades, que no symbolo de Esther: *Scis necessitatem meam*, impetrou a vida para a Magestade afflicta, e para o Povo desconsolado; usando a Mãy de Deos da sua misericordia, fez, que a vida, e a saude delRey fosse, naõ só para elle, mas para nós todos; para que se verificasse, que pela intercessaõ, com que a mesma Senhora nos soccorre nas nossas necessidades, a saude do nosso Soberano havia de ser naõ huma só, porèm muitas saudes; e tantas, quantas eraõ necessarias para alivio das queixas, que se multiplicáraõ no nosso sentimento, e compaixaõ: *In necessitate vos protegant, magnificans salutes Regis.*

Mas assim como saõ muitas, e multiplicadas as saudes, que alcançamos os vassallos de Portugal com a melhorîa do nosso Serenissimo Rey: *Salutes Regis*; se será tambem muita a saude, e dilatada a vida, que ha de gozar o Lusitano Monarca depois de conseguir agora milagrosamente huma, e outra? Nesta materia só Deos sabe o que ha de ser, e nós temos prohibiçaõ para investigar este segredo: *Non est vestrum nosse tempora, vel momenta, quæ Pater posuit in sua potestate.* Eu porèm, sem faltar com a veneraçaõ, que devo a esta adver-

Act. 1. 7.

e tencia

tencia de Chrifto, hey de dizer o meu voto, e queira Deos, que feja profecia. Digo, pois, que a faude do noffo Soberano Monarca ha de fer muita, e vigorofa; que a fua vida ha de fer feliz, e longeva. E ifto por duas razoens: a primeira, porque he vida, e faude de milagre; a fegunda, porque he milagre da Senhora das Neceffidades. A ElRey Ezequias concedeo o Altiffimo miraculofa faude, e com ella lhe prolongou a vida quinze annos, derrogando-lhe o decreto, com que lhe mandou intimar a morte pelo Profeta Ifaias: *Ecce fanavi te* ::: *Et addam diebus tuis quindecim annos.* Os beneficios de Deos naõ faõ como os dos homens: os dos homens, ou faõ de pequena confideraçaõ, ou chegaõ tarde, para diminuirem na eftimaçaõ da poffe, o que cuftáraõ á paciencia na efperança: os de Deos vem logo, como experimentou Ezequias na revogaçaõ da fentença da fua morte: *Antequam egrederetur Ifaias mediam partem atrii, factus eft fermo Domini, dicens: Revêrtere, & dic Ezechiæ* ::: *Ecce fanavi te*; e faõ de muito vulto; *Dat omnibus affluenter.* Em fim os favores de Deos, e os dos homens fobre fe differençarem na quantidade, tambem fe diftinguem na qualidade, e no modo; porque os de Deos faõ ditos, e feitos: *Ipfe dixit, & facta funt*; e os dos homens naõ fe fazem, por mais que fe digaõ: *Dicunt, & non faciunt.* Logrou, pois, Ezequias aquella mercé da faude, e da vida, como feita por Deos, abundante, e prefentanea: e fe a vida, e faude

4. *Reg.* 20. 5. & 6.

Ibid. v. 4.

Jacob. 1. 5.

Pf. 148. 5.

Matth. 23. 3.

e ſaude do noſſo Rey tambem foy dada por Deos, mediando a piedoſa intercеſſaõ de Maria Santiſſima, porque naõ ha de ſer a ſaude feliz, a vida dilatada? Mas iſto ainda ſe perſuade melhor á viſta da cauſa de tanto portento.

Alguns Padres tem para ſi, que a melhorîa delRey Ezequias naõ foy ſó liberalidade de Deos, mas tambem merecimento daquelle Rey enfermo; porque depois deſte fazer huma devota oraçaõ, acompanhada com lagrimas copioſas: *Memento, quæſo, quomodo ambulaverim coram te ::: Flevit itaque Ezechias fletu magno*, he que Deos lhe concedeo a ſaude: *Ecce ſanavi te.* Porém qual feria o merecimento de Ezequias? A Eſcritura o declara em outra parte, onde diz, que eſte Rey pio reedificou o Templo de Jeruſalem: *Aperuit valvas domus Domini, & inſtauravit eas*; e depois de reſtauradas as ruinas da caſa de Deos, e de a ſantificar, naõ ſó offereceo muitas victimas ao Altiſſimo; mas promoveo o Divino culto em taõ grande maneira, que provêo o Templo de Miniſtros de diverſas Jerarquias, e lhe deſtinou grande numero de Cantores, para que huns, e outros ſerviſſem, e louvaſſem continuamente a Deos: *Ezechias autem conſtituit turmas Sacerdotales, & Leviticas per diviſiones ſuas, unumquemque in officio proprio, tam Sacerdotum videlicet, quam Levitarum ad holocauſta, & pacifica, ut miniſtrarent, & confiterentur, canerentque in portis caſtrorum Domini.* Por certo, que ſe o Texto naõ fallaſſe de

4. Reg. 20. 3.

2. Paral. 29. 3.

Ibid. c. 31. 2.

de Ezequias, havia eu de entender, que era ſó hum pequeno boſquejo da piedade, que exercita o noſſo Sereniſſimo Rey D. Joaõ V. no culto Divino, pois niſto excede a ElRey Ezequias com muitas ventagens. Ezequias empregou o ſeu zelo ſó em hum Templo, que reedificou; Sua Mageſtade em muitos, que reparou, e fez de novo, ordenando em todos novas cantorîas, e miniſterios para louvar a Deos. Diga-o a grandeza de Mafra, o mageſtoſo da Baſilica Patriarcal, que he hoje o Vaticano de Lisboa, e todas as mais Igrejas da Corte, do Reyno, e das Conquiſtas.

E ſe o noſſo Auguſto Soberano excede a Ezequias nos cultos da Religiaõ, quando o iguala no beneficio do milagre, com que conſeguio a ſaude; porque o naõ competirá na duraçaõ do favor para ter huma larga vida, e mais dilatada, que a daquelle Rey de Iſrael? E quanto a mim nenhuma duvida tem eſta conjectura, principalmente ſe advertimos o final do milagre de Ezequias, que parece, que naõ ſe cumprio naquelle Rey, para ſe verificar no noſſo. O final da prodigioſa ſaude de Ezequias foy retroceder a ſombra dez linhas no relogio de Achaz: *Reduxit umbram per lineas, quibus jam deſcenderat in horologio Achaz, retrorſum decem gradibus.* Eſtava o Sol no meyo dia, ou no Zenith, quando Iſaias fez o milagre de que no relogio do Sol retrocedeſſe a ſombra dez gráos; e eſta retroceſſaõ da ſombra era tornar o dia ao ſeu principio, que tem na manhãa: *Red-*

2. *Reg.* 20 11.

eundo

eundo pariter ad mane, diz o A' Lapide. Mas que quer isto dizer? O mysterio, se o naõ he, parece este. A sombra he symbolo da vida humana: *Fugit velut umbra*, diz Job; e David: *Dies mei sicut umbra declinaverunt.* Medida a vida de Ezequias pela sombra do relogio de Achaz ao meyo dia, mostrava, que aquelle Rey, quando esteve á morte, tinha meya idade; e tornando-se a constituir a sombra no principio do relogio do Sol, promettia ao mesmo Rey tornar ao principio dos seus dias, e que viviria outro tanto, quanto tinha vivido até aquelle tempo. E cumprio-se em Ezequias aquelle enigma? Naõ, porque quando adoeceo tinha vinte e nove annos, e com quinze, que Deos lhe deu de vida, saõ quarenta e quatro, de cuja idade morreo; e se Deos lhe dobrasse os annos, havia de morrer de cincoenta e oito. Mas esta ventura, que naõ succedeo a Ezequias, experimentarà o nosso Rey, tornando depois desta felicissima melhorîa ao principio da sua vida, para viver tanto, como tem vivido até agora, e muito mais; pois onde se duplîca o merecimento, he justo, que se multiplique o premio: *Redeundo pariter ad mane.*

A' Lapid. in Isai. 38.8.

Job 14.2

Ps. 101. 12.

Isto, que profetiza só a razaõ de milagre, o confirma a circunstancia de ser milagre da Senhora das Necessidades, e o tempo, em que a Mãy de Deos obrou taõ estupendo prodigio. O tempo do milagre foy Junho, do qual diz Pólo com muitos Authores, que he o mez dos Moços, e dedicado a elles, como cantou Ovidio:

Pol. diar. Sac. mens. Jun. n. 2163. *t.* 1

Ovid.l.6. Paſtor. *Sic ſtatuit, mènſesque notâ ſcrevit eâdem. Junius eſt Juvenum.*

E conſeguir Sua Mageſtade milagroſa ſaude em Junho, proprio mez da mocidade, que outra couſa foy mais, que hum clariſſimo ſinal de que com a melhorîa feliz rejuveneceria na idade, para ter prolongada vida: *Renovabitur ut aquilæ juventus tua?* (Pſ.102.5) O dia proprio, e ſingularmente devido a eſte portento, que celebramos, foy a 30 do meſmo mez de Junho. Feliciſſimo dia por certo para prognoſtico de ſer duravel a noſſa felicidade? No dia referido, adverte o Padre Alva, Minorita, entrou Chriſto na Cidade de Nain, e reſuſcitou o filho da viuva. (Alv. apud Pol. die 29. Jun. n. 1219.) Em Nain deu Chriſto aquelle filho reſuſcitado á meſma mãy, que o gerára: *Dedit illum matri ſuæ*; (Luc. 7. 15) e em Lisboa no meſmo dia, podemos dizer, que deu Deos a ſua Santiſſima Mãy por filho de adopçaõ ao noſſo Auguſto Monarca. Tinha eſte, por ſer Joaõ, proprio cabimento nas piedoſas entranhas da Senhora, entre as perturbaçoens, e anguſtias da Regia enfermidade, aſſim como o teve o Euangeliſta mimoſo entre as agonias do Calvario: *Dixit Matri ſuæ: Ecce filius tuus.* (Joan. 19. 26.) Moſtrou a experiencia do ſucceſſo, que a Senhora tomou debaixo da ſua efficaz protecçaõ ao noſſo Sereniſſimo Rey D. Joaõ V. aſſim como recebeo em lugar de filho ao Apoſtolo S. Joaõ. E tendo ElRey a Senhora das Neceſſidades por Mãy piedoſa, como naõ ha de ter larga vida, e vigoroſa ſaude?

A

A neceſſidade veneravaõ os Gentios como deidade fabuloſa, e como a tal lhe conſagráraõ hum Templo em Corintho; por entenderem, que nella eſtava o mais prompto patrocinio das enfermidades, e miſerias da vida humana, como diſſe Seneca: *Neceſſitas magnum humanæ imbecillitatis patrocinium.* Por iſſo os Iconologicos pintáraõ o ſeu Idolo com hum martello de ferro na maõ direita, na eſquerda huns cravos do meſmo metal, e hum fuſo de diamante. No diamante do fuſo ſymboliſavaõ a fortaleza, no ferro dos cravos a duraçaõ, e no martello o poder, que tinha aquelle mentido Numen, para que os patrocinados da ſua protecçaõ viveſſem ſeguros, e permaneceſſem fortes, ſem temor dos contrarios, que diminuem a vida, e a ſaude. Foy ficçaõ Poetica o invento deſte ſimulacro, e fabula a ſua virtude, e patrocinio: mas ſe houveſſemos de chriſtianizar eſta mythogia, ſó ſe podia verificar tanto poder na Senhora das Neceſſidades: porque eſtando todas as fortunas, de que nós neceſſitamos, nas ſuas mãos; até a eſperança da noſſa vida eſtá nella: *In me omnis ſpes vitæ.* E ſendo aſſim como he, porque naõ ha de alcançar larga vida, e proſpera ſaude o noſſo Soberano debaixo do amparo da Senhora das Neceſſidades, ſe ella he o verdadeiro Numen, que tudo póde: *Neceſſitas magnum humanæ imbecillitatis patrocinium?* Vejamos ſe nos confirma eſta noſſa profetica, e bem fundada eſperança, o Santiſſimo Sacramento, que nos aſſiſte.

Senec. l. 3. de Clem.

Vid. Hor. in ode ad Fortun.

Eccl. 24.

Com-

Commungou ElRey, como bom Catholico, logo no principio da ſua enfermidade, com tanta devoçaõ, e humildade, que edificou toda a Corte aquelle acto; e principiou a melhorar em dia de Corpo de Deos. Eu me admiràra, ſe naõ foſſe aſſim; pois hum Rey, que tinha naquelle dia dedicado tantos triunfos de mageſtade, e religiaõ ao Santiſſimo Sacramento, naõ podia deixar de triunfar no meſmo dia da morte, como ſuccedeo ao meſmo Chriſto Sacramentado, quando inſtituîo eſſe Divino Myſterio: *Ero mors tua, ò mors.* Felix prognoſtico foy para total extinçaõ da queixa o alivio della no dia do Sacramento, e por virtude do Paõ Sacramentado. Inſtava a queixa com ameaços de morte; contra eſta ſe armou a vida, que eſtá no Paõ do Sacramento Auguſto: *Ego ſum panis vitæ:* E como Sua Mageſtade recebeo eſte Paõ conſagrado, ſegura tinha a melhorîa da queixa; porque a vida do Paõ Euchariſtico he incompativel com a morte, ainda que a prognoſticaſſe aquella doença: *Si quis ex ipſo manducaverit, non moriatur.* Pareceo ao principio incuravel a enfermidade, mas logo ſe deſvaneceo, ou devia deſvanecerſe o ſymptoma fatal deſte prognoſtico, quando no dia de *Corpus* principiou a virtude do Sacramento a influir para a melhorîa do ſeu devotiſſimo Monarca.

Oſe.13.14.

Joan.6.35.

Ib.v.50.

O Santiſſimo Sacramento he hum farmaco taõ ſalutifero para todas as enfermidades, he hum remedio taõ efficaz para a vida, e ſau-

de

de dos homens, que a mesma carne consagrada, que nelle nos dá Christo, he a medicina mais prompta para restituir a saude, e recuperarem a vida os enfermos, como diz Theófilo Alexandrino: *Ipsius enim sacra caro est purgativa, & vitam tribuens:* e daqui veyo a dizer S. Vicente Ferrer, que a mesma Eucharistia he suave pilula para a nossa saude: *Caro Christi est pilula nostræ salutis.* Sendo, porèm, o Sacramento do Altar hum remedio presentaneo de todos os males; tem singular virtude para as parlesias, e outras doenças de membros tolhidos, e faltos de acçoens vitaes: que por isso o nosso Redemptor para aquella Cea, de que faz mençaõ no Euangelho de Saõ Lucas, e que era figura da Cea Sacramental, mandava convidar aos coxos, e mancos, que naõ se podiaõ bolir: *Et claudos introduc huc.* Se, pois, está no Sacramento Santissimo a medicina do mal, que S. Magestade experimentava: *Caro Christi est pilula nostræ salutis;* se com este Divino farmaco ha de restituirse á vida, e escapar da morte: *Ipsius enim sacra caro est purgativa, & vitam tribuens;* vede se será esta vida longeva, ou prolongada, se he eterna, e immortal a vida, que dá o Sacramento: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum?* Assim ha de ser, e assim queira Deos, que seja, para que dure sempre em nós este jubilo, com que agora louvamos aó Altissimo pela grande mercè, que nos fez a todos em acudir a Sua Magestade na afflicçaõ, e necessidade extrema, em que se vio com a queixa,

Theoph. in Luc. 5.

Div. Vincent. Fer. Serm. 1. de Corp. Dom.

Luc. 14. 21.

Joan. 6. 59.

que padeceo: *Surgant, & opitulentur vobis, & in necessitate vos protegant. Percutiam infirmitate, & ego sanabo.*

Este he, meus Portuguezes, o nobre motivo, a estimavel causa desta acçaõ gratulatoria. Cessou a presente necessidade, que nos opprimia, porque Sua Mágestade melhorou da sua queixa por intercessaõ da Senhora das Necessidades: *In necessitate vos protegant.* Queira Deos, que naõ torne a magoarnos semelhante tribulaçaõ, e que com a passada tivessem fim todas as enfermidades delRey. Mas se quereis, que assim succeda, como o desejais, està na nossa maõ o remedio. E qual he? He continuarmos a louvar a Deos por este maximo beneficio, que nos fez a todos; pois naõ deve cessar o agradecimento, quando ha de ter fim a necessidade, de que se gratifica o remedio. Naõ vedes a Aaraõ, que por meyo de oraçoens, e sacrificios, metido entre o estrago, que faz a morte no Povo Israelitico, resiste á ira de Deos, e poem fim á necessidade, em que se achaõ: *Properans enim homo sine querela deprecari pro populis, proferens servitutis suæ scutum, orationem, & per incensum deprecationem allegans, restitit iræ, & finem imposuit necessitati?* Pois se quereis, que a necessidade, que hoje applaudiz remediada, tenha fim, e naõ torne: *Finem imposuit necessitati*, seja a vossa vida de oraçaõ, e pureza para louvor de Deos, e de sua Santissima Mãy, que logo estarà conseguido o fim dos nossos desejos. E para que assim seja, ò Purissima,

Sap. 18. 21.

Imma-

Immaculada, e ſempre Virgem MARIA, nós nos refugiamos ao voſſo poder, nós nos ſubmetemos ao voſſo amparo, como neceſſitados de tanto patrocinio: naõ deſprezeis as noſſas humildes ſupplicas, naõ nos deſampareis nas neceſſidades, que padecemos: *Sub tuum præſidium confugimus, Sancta Dei Genitrix, noſtras deprecationes ne deſpicias in neceſſitatibus.* Livraynos de todas as neceſſidades eſpirituaes, de todos os perigos da alma, para que melhorada eſta das enfermidades da culpa, reſtituida á ſaude da graça, ſeja a noſſa vida taõ pura, que eſtas graças, que agora cantamos a Deos neſta Igreja da terra, lhas repitamos por toda a eternidade no Templo da gloria: *Ut reddita ſibi ſanitate, gratiarum tibi in Eccleſia tua referant actiones. Amen.*

Eccl. in Offic. parv. B. Mar.

Eccl. Orat. Miſ. pro infirmis.

F I M.